

ALMA LATINA: MÚSICA DAS AMÉRICAS SOB DOMÍNIO EUROPEU

Rádio Cultura FM de São Paulo (103,3 MHz)

Série de 13 programas semanais idealizados e apresentados por Paulo Castagna às terças-feiras das 11:00 às 12:00 da manhã, de 6 de março a 29 de maio de 2012, como parte do projeto Idéias Musicais. Programas disponíveis para audição online e download, na página <http://paulocastagna.com/alma-latina/>

Programa 07/13 - Casas americanas com sons europeus

(apresentado em 17 de abril de 2012)



Olá amigos. No programa anterior ouvimos música composta nas Américas para homenagem e saudação dos europeus que governavam o Novo Mundo. Hoje vamos transitar entre esse ambiente e o meio doméstico urbano, ouvindo um pouco da música que circulou nas casas americanas no século XVIII e princípios do XIX.

Existiu música popular nas Américas do século XVIII? Também foi composta música instrumental para as casas americanas, além da música vocal para as igrejas? Somente os descendentes de europeus compuseram esse tipo de música, ou também houve a participação de compositores indígenas ou afro-descendentes? A música doméstica também foi usada para transmitir a cultura européia aos povos americanos, como ocorreu com a música religiosa?

No programa de hoje: *Casas americanas com sons europeus*.

Música	Anônimo XVIII - <i>Sonata em sol menor</i>	1'32"
--------	--	-------

De autor anônimo do século XVIII, ouvimos a *Sonata em sol menor*, com Horacio Franco, flauta doce, José Suarez Molina, cravo, e Alain Durbecq, violoncelo. Esta *Sonata* foi encontrada em um manuscrito do Arquivo da Catedral do México, infelizmente sem as folhas que indicariam o nome do autor. Além da catedral, pode ter sido usada em ambiente doméstico ou oficial, mas quase certamente foi destinada à elite do virreinato.

Saber o que os americanos ouviam em casa durante os primeiros séculos de domínio europeu não é uma tarefa simples, pois a preservação de manuscritos desse tipo de música foi rara nessa época. Por outro lado, a literatura dessa fase nos deixou informações bem interessantes, como é o caso das poesias satíricas de Gregório de

Matos Guerra, escritor baiano que viveu boa parte da vida em Salvador, no século XVII. Nessas poesias, que lhe custaram a deportação para Angola, Gregório de Matos descreveu costumes urbanos da Bahia e, entre eles, citou vários tipos de danças e de “sons”, geralmente peças domésticas para viola. Três dessas danças e “sons” foram a *Arromba*, o *Gandum* e o *Cubanco*.

Infelizmente não são conhecidas fontes americanas com esse tipo de repertório, mas um interessante manuscrito da Universidade de Coimbra, copiado poucas décadas após o falecimento de Gregório de Matos, contém várias danças com esse nome. Não há indicação de autoria e nem local de composição, mas seus títulos e ritmos indicam tratar-se de danças ibéricas com a inclusão de algumas sonoridades africanas, sugerindo uma relação entre a música portuguesa e a música afro-brasileira, em pleno século XVII.

De autoria anônima, ouviremos a *Arromba*, o *Gandum* e o *Cubanco*, com o Grupo Banza, sob direção de Rogério Budász.

Música	<i>Arromba no quarto tom</i>	2'54"
	<i>Gandum no sétimo tom</i>	2'05"
	<i>Cubanco no sétimo tom</i>	5'27"

De autoria anônima, ouvimos a *Arromba*, o *Gandum* e o *Cubanco*, com o Grupo Banza, sob direção de Rogério Budász.

Que tipo de música ouviam os americanos que não pertenciam à elite? Não é uma pergunta fácil de responder, pois esse tipo de música dificilmente era escrita, embora tenha chegado até nós um pouco das tradições musicais dos povos americanos que presenciaram o domínio europeu.

Mas a documentação da época nos revela que as autoridades monárquicas e religiosas determinavam uma espécie de *apartheid*, de separação entre a música de origem européia e as sonoridades tradicionais indígenas e africanas.

Música	<i>Música instrumental dos índios Asurini</i>	0'31"
---------------	---	-------

No caso brasileiro, desde o século XVII existiram leis que proibiam que um homem branco ouvisse música entre os índios ou que os índios praticassem suas danças e cantos nas vilas e cidades. No século XVIII, a legislação brasileira combateu fortemente os encontros musicais africanos, genericamente chamados de *batuques*.

Mas isso não conseguiu evitar o nascimento de uma música híbrida, que inseriu um pouco da rítmica africana nas danças ibéricas: trata-se do *lundu* ou *landum*, que se proliferou por todo o Brasil. Inicialmente praticado pela comunidade negra, difundiu-se por quase todas as camadas sociais, ainda no século XVIII.

Música	<i>Landum</i>	2'28"
---------------	---------------	-------

Com o grupo Lira de Orfeo, sob direção de Edilson Vicente de Lima, ouvimos o *Landum*. Este exemplo foi registrado pelo pesquisador alemão Carl Philipp Martius por volta de 1820, mas tudo indica que lundus como este já estavam sendo tocados e cantados no Brasil desde o século XVIII.

Música que circulava por várias camadas sociais, como o lundu, foi muito rara nas Américas sob domínio europeu. A política e a legislação da época reprimiam as

tradições populares, sobretudo indígena e africana, incentivando a prática doméstica de música de origem européia.

Seguindo essa tendência, o compositor mexicano Juan Antonio Vargas y Gusman escreveu, em 1776, sua *Explicación para tocar guitarra*. Além de informações para o estudo do instrumento, esse método contém treze sonatas para duas guitarras, destinadas ao ambiente doméstico.

De Juan Antonio Vargas y Gusman, ouviremos a oitava e a décima sonata da *Explicación para tocar guitarra*, na versão do Sintagma Musicum da Universidade de Santiago do Chile, sob direção de Victor Rondon.

Música	Vargas y Gusman - Sonata VIII	2'23"
	Vargas y Gusman - Sonata X	2'44"

De Juan Antonio Vargas y Gusman, ouvimos sua oitava e décima sonatas, escritas no México em 1776, na versão do Sintagma Musicum da Universidade de Santiago do Chile, sob direção de Victor Rondon.

No século XVIII circulou muita música instrumental européia em cidades americanas. Inúmeros manuscritos com obras de Scarlatti, Haydn, Boccherini e outros compositores europeus ainda existem nos arquivos americanos.

Como esse tipo de música tornou-se frequente nas Américas, ao encontrarmos cópias de música sem indicação de autoria torna-se difícil saber se foram compostas no Novo ou no Velho Mundo.

Esse é o caso de uma *Sonata* para piano preservada no Arquivo da Sociedade Musical Santa Cecília de Sabará, em Minas Gerais. Pode não ter sido composta no Brasil, mas foi aqui copiada para ser tocada em casa.

Ouviremos esta *Sonata* anônima com Edmundo Hora ao fortepiano. Os três movimentos são: Allegro, Largo e Rondó (Allegro).

Música	I - Allegro	2'58"
	II - Largo	5'03"
	III - Rondó (Allegro)	3'32"

Ouvimos, de autoria anônima, a *Sonata* do arquivo da Sociedade Musical Santa Cecília de Sabará, com Edmundo Hora ao fortepiano.

Na entrada do século XIX, com o avanço da urbanização nas Américas, acentuou-se o desejo de praticar música européia no ambiente doméstico. Nessa época, as famílias de posses começaram a comprar pianos importados e tocar nesse instrumento música de autores franceses, ingleses, alemães e austríacos. E alguns deles chegaram a passar ou mesmo residir no continente americano. É o que ocorreu com Sigismund Neukomm, compositor austríaco que viveu no Rio de Janeiro de 1816 a 1821 e lá compôs obras para os ambientes doméstico, teatral e religioso.

De Sigismund Neukomm, ouviremos *Les adieux à ses amis Brésiliennes*, de 1821, com Edmundo Hora, fortepiano.

Música	Sigismund Neukomm - <i>Les adieux à ses amis Brésiliennes à Rio de Janeiro</i>	5'37"
---------------	--	-------

Com Edmundo Hora ao fortepiano, ouvimos *Les adieux à ses amis Brésiliennes*, composição de Sigismund Neukomm no Rio de Janeiro em 1821.

A circulação de pianos e partituras de música para esse instrumento em muitas cidades americanas acarretou, como na música vocal, a apropriação da capacidade de escrever e de ensinar música nos estilos europeus por compositores locais.

Esse foi o caso de José Maurício Nunes Garcia, carioca e afro-descendente, que escreveu um *Método de Pianoforte* no Rio de Janeiro em 1821 e nele incluiu 30 peças para o estudo desse instrumento.

Nessas peças, José Maurício cita trechos de várias composições européias, entre elas a Abertura da ópera *O Barbeiro de Sevilha*, de Rossini, representada no Rio de Janeiro nessa mesma época.

Música	Gioacchino Rossini - <i>O Barbeiro de Sevilha</i>	0'15"
---------------	---	-------

Música	José Maurício Nunes Garcia - Lição 5	0'15"
---------------	--------------------------------------	-------

Ouviremos, do *Método de Pianoforte* de José Maurício Nunes Garcia, as *Lições* 9, 5 e 6. Ao fortepiano: Edmundo Hora.

Música	José Maurício Nunes Garcia - Lição 9	1'33"
	José Maurício Nunes Garcia - Lição 5	2'43"
	José Maurício Nunes Garcia - Lição 6	1'58"

Ouvimos, de José Maurício Nunes Garcia, as *Lições* 9, 5 e 6 do *Método de Pianoforte* de 1821, com Edmundo Hora ao fortepiano.

A música praticada nas casas americanas no século XVIII e princípios do XIX demonstra que esse também foi um ambiente de transmissão cultural. Autores europeus eram tocados no continente americano dessa época, muitas vezes enquanto ainda estavam vivos.

Mas as proibições oficiais de afastar a música indígena e africana do ambiente urbano deram a essas tradições uma condição inferior em relação à música européia. Aceitava-se, apenas, algumas poucas imitações ou referências às sonoridades populares. Por outro lado, essa época também marcou a apropriação das capacidades de compor e de ensinar música instrumental nos estilos europeus por compositores americanos, muitas vezes com descendência indígena ou africana.

Conhecer melhor essa história pode nos ajudar a mudar nossa relação com o passado e a construir um futuro diferente. É o que faremos nos próximos programas, ouvindo um pouco mais de música das Américas sob domínio europeu. No programa seguinte: *Músicos profissionais nas irmandades brasileiras*.

Eu sou Paulo Castagna e volto na próxima semana com mais um *Alma Latina*, programa da série Idéias Musicais. Este programa teve a produção de Ralf Schwarz e trabalhos técnicos de Almir Amador. Boa semana e até lá.

VINHETA DE ENCERRAMENTO